

Trabalhos Científicos

Título: Panorama Epidemiológico Das Hospitalizações Por Doença Hemolítica Do Feto E Do Recém Nascido Em Bebês Menores De 1 Ano No Brasil Entre 2019 E 2023

Autores: ANANDA CAROLINA REIS PRESTES (UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ), LUAN NASCIMENTO PEREIRA DE AMORIM (UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ), DANGILLA RIBEIRO DOS SANTOS (UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ), BRUNO KENJI HOSODA MINESHITA (UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ), ELINTON NASCIMENTO CASTELO (UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ), WILLIAN HIDEO MIASHIRO YAMADA (UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ), LUANA OLIVEIRA CANTO (UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ), MARIANE CORDEIRO ALVES FRANCO (UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ)

Resumo: A doença hemolítica do feto e do recém-nascido é causada pela incompatibilidade sanguínea entre a mãe Rh-negativa e o feto Rh-positivo, levando à destruição eritrocitária. Compreender essa doença é crucial para reduzir a morbimortalidade. Definir o panorama epidemiológico das hospitalizações por doença hemolítica do feto e do recém-nascido em bebês menores de 1 ano no Brasil entre 2019 e 2023. Estudo descritivo, transversal e quantitativo, com dados do Sistema de Informação Hospitalar tabulados pelo Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (SIH/DATASUS), registradas de 2019 a 2023, no Brasil. Foram coletados dados referentes a doenças hemolíticas do feto e do recém nascido em bebês menores de 1 ano. As variáveis analisadas foram número de internações, sexo, raça/cor, caráter do atendimento, média de permanência, custo por internação e óbitos, além da identificação das regiões com maior número de internações. Utilizou-se o software Microsoft Excel 2021 para tabulamento, cálculos e análises de dados. Durante o período analisado, foram registradas 14.864 internações por Doença hemolítica do feto e do recém-nascido em crianças menores que 1 ano no Brasil. Dentre essas, a maioria se deu na região Sudeste (N=6.493/43,68%), seguida pela região Nordeste (N=4.022/27,05%) e Centro-Oeste (N=2.767/18,61%). No que tange ao caráter de atendimento, a maioria das hospitalizações se deu sob urgência (N=14.559/97,94%) e 2,06% de maneira eletiva. Em relação ao sexo, observou-se um quantitativo semelhante, com predomínio discreto de bebês do sexo masculino (N=7.567/50,90%) em comparação a bebês do sexo feminino (N=7.297/49,09%). Identificou-se uma média de permanência hospitalar de 5,2 dias, com a região Sudeste superando a média nacional em 9,61% (5,7 dias). Quanto aos custos do tratamento, o valor médio por internação foi de R\$730,84, sendo o menor em 2019 (R\$605,53) e o maior em 2023 (R\$929,57), um crescimento de 53,51%. Grande parte dos menores eram de raça parda (N=7.068/47,55%) e branca (N=3.199/21,52%). No que diz respeito à evolução do quadro, foram notificados 49 óbitos, representando 0,3% do total de internações, com predomínio da região sudeste (N=30/61,22%). O estudo revelou possíveis disparidades regionais no acesso ao cuidado médico especializado, pela predominância de internações na região Sudeste, seguida pelo Nordeste e Centro-Oeste. Além disso, a maioria das hospitalizações ocorreu sob urgência, evidenciando a necessidade de melhorias na prevenção e no manejo precoce dessa condição clínica. O aumento dos custos médios por internação pode sinalizar desafios adicionais para o sistema público de saúde. A predominância de bebês do sexo masculino e o destaque para pardos e brancos indicam a importância de abordagens direcionadas para este perfil. Já a taxa de mortalidade, embora baixa, reforça a necessidade contínua de vigilância e aprimoramento das estratégias de cuidado.